



**PUC**  
RIO

**Miguel Leite Ferrari**

**O conflito no Sudão: origens e transformações das Forças  
de Suporte Rápidas (RSF)**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Análise e Gestão de Políticas Internacionais (MAPI) do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio

Orientadora: Prof. Maíra Siman Gomes



**Miguel Leite Ferrari**

**O conflito no Sudão: origens e transformações das Forças de  
Suporte Rápidas (RSF)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de  
Pós-Graduação em Análise e Gestão de Políticas  
Internacionais (MAPI) do Instituto de Relações  
Internacionais da PUC-Rio

**Profª Maíra Siman Gomes**

Orientadora

Instituto de Relações Institucionais — PUC-Rio

**Profª Victória M. S. Santos**

Instituto de Relações Institucionais — PUC-Rio

**Prof. Dr. Gabriel F. Caetano**

Departamento de Relações Internacionais — UFT

Rio de Janeiro, 23 de setembro de 2025

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e da orientadora.

### **Miguel Leite Ferrari**

Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO) e mestrandando pelo Programa de Pós-Graduação em Análise e Gestão de Políticas Internacionais: Resolução de Conflitos e Cooperação para o Desenvolvimento pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO).

### **Ficha Catalográfica**

**Ferrari, Miguel Leite**

O conflito no Sudão : origens e transformações das Forças de Suporte Rápidas (RSF) / Miguel Leite Ferrari ; orientadora: Maíra Siman Gomes. – 2025.

44 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Instituto de Relações Internacionais, 2025.

Inclui bibliografia

1. Relações Internacionais – Teses. 2. RSF. 3. Sudão. 4. Janjawid. 5. Novas guerras. 6. Saque. I. Gomes, Maíra Siman. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Instituto de Relações Internacionais. III. Título.

CDD:

327

## **Agradecimentos**

Agradeço, em primeiro lugar, à minha orientadora Maíra Siman Gomes, por todo o auxílio, paciência e orientação ao longo desta pesquisa. Sua dedicação e disponibilidade foram fundamentais para que este trabalho se concretizasse.

Aos meus pais, Fernando e Daniela, e à minha avó Lenka, agradeço pelo amor, apoio e incentivo constantes, por acreditarem em mim e me acompanharem em cada etapa desta caminhada.

Agradeço também aos professores do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio, pelo aprendizado, pelas discussões e pelas contribuições que enriqueceram minha formação acadêmica e ampliaram minha compreensão sobre o mundo.

Por fim, agradeço ao Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio (IRI) como um todo, pelo acolhimento e pelo ambiente de aprendizado e convivência que tornaram esta trajetória uma experiência marcante.

## Resumo

Ferrari, Miguel Leite; Gomes, Maíra Siman (Orientadora). **O conflito no Sudão: origens e transformações das Forças de Suporte Rápidas (RSF)** Rio de Janeiro, 2025. Dissertação de Mestrado – Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Dentre os atores envolvidos na atual guerra civil no Sudão, a força paramilitar *Rapid Support Forces* (RSF) tem se destacado como uma das mais impactantes e controversas, provocando debates sobre sua natureza e seus objetivos. Esta dissertação busca compreender e avaliar as tentativas da RSF de construir uma identidade política reconhecida perante a população sudanesa e no cenário internacional, desde a queda de Omar al-Bashir em 2019 até o contexto atual. Analisa-se se as mudanças na estrutura, nas práticas e nas tribulações da RSF nesse período indicam uma transição de uma organização criminosa e repressiva para um ator político legítimo. Neste trabalho, defende-se a hipótese de que, apesar dos esforços da liderança da RSF, como a criação de um governo paralelo, o uso de justificativas pró-democráticas e a constituição de acordos políticos com setores da sociedade civil, a milícia permanece ancorada em uma lógica de dominação baseada na violência, no saque de recursos e alianças pragmáticas. Além disso, crescentes fissuras internas, disputas tribais e conflitos entre facções regionais enfraquecem ainda mais a coesão e sustentabilidade da RSF, prejudicando seus esforços de legitimação social e perpetuando sua imagem de ator criminal.

## Palavras-Chave

RSF, Sudão, Janjawid, Novas Guerras, saque, ator político, ator criminal.

## Abstract

Ferrari, Miguel Leite; Gomes, Maíra Siman (Orientadora).

**The conflict in Sudan: origins and transformations of the Rapid Support Forces (RSF).** Rio de Janeiro, 2025. Master's dissertation - Institute of International Relations, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

Among the actors involved in the current civil war in Sudan, the paramilitary Rapid Support Forces (RSF) has stood out as one of the most impactful and controversial, provoking debates about its nature and objectives. This dissertation seeks to understand and evaluate the RSF's attempts to build a recognized political identity among the Sudanese population and on the international stage, from the fall of Omar al-Bashir in 2019 to the current context. It examines whether the changes in the structure, discourses and practices of the RSF in this period indicate a transition from a criminal and repressive organization to a legitimate political actor. The hypothesis defended in this work is that, despite the efforts of the RSF leadership, such as the creation of a parallel government, the use of pro-democratic discourses and the constitution of political agreements with sectors of civil society, the militia remains anchored in a logic of domination based on violence, the looting of resources and pragmatic alliances. In addition, growing internal fissures, tribal disputes and conflicts between regional factions further weaken RSF's cohesion and sustainability, undermining its legitimization efforts and perpetuating its image as a criminal actor.

## Keywords

RSF, Sudan, Janjaweed, New Wars, looting, political actor, criminal actor.

## **Sumário**

Introdução.....	1
1. Contexto do Conflito e Enquadramento Teórico .....	3
2. Trajetória, estrutura e ideologia da RSF .....	14
3. A RSF: Anatomia de uma Metamorfose Ambígua .....	22
3.1 Exercício de poder territorial e práticas de governança .....	23
3.2 Tentativas de legitimação política e ideológica .....	26
3.3 Fragmentação Interna e Lógica Predatória .....	28
4. Conclusão .....	30
Referências Bibliográficas .....	32

## Introdução

O Sudão, desde sua independência em 1956, tem sido palco de sucessivas guerras civis, disputas de poder e golpes de Estado, culminando em um país rodeado pela instabilidade e enfraquecido institucionalmente. Essa fragilidade, junto com a fragmentação étnica e regional, deu espaço para a emergência de atores armados não estatais na formação da vida política do país, que se fortaleceram através de redes de patronagem e o controle de economias ilícitas. Um desses atores, definidor na atual guerra civil no Sudão, é a força paramilitar ‘Forças de Suporte Rápidas’, conhecidas pela sua sigla em inglês RSF (*Rapid Support Forces*).

A RSF emergiu das chamadas milícias Janjawid, mobilizadas pelo ditador Omar al-Bashir durante a guerra em Darfur, no início do século XXI. Recebendo auxílio do Estado sudanês, a RSF se consolidou como um dos principais atores criminais do país, tendo em seu controle não só um forte aparato militar, como também um domínio quase que excludente em círculos econômicos informais e transnacionais, como mineração ilegal e contrabando.

Com a queda do ditador em 2019, a RSF, sob a liderança de um guerrilheiro Janjawid chamado Mohamed Hamdan Dagalo, conhecido como Hemedti (Waal, 2023a), buscou se projetar politicamente dentro do novo sistema político, ao mesmo tempo que desejava preservar seu império ilegal. Uma característica central dessa nova atuação era a contradição entre o desejo de se apresentar como um ator legítimo e, ao mesmo tempo, recriar um ambiente político que lhe permitisse operar sem assumir responsabilidades de governança e, sobretudo, sem enfrentar qualquer forma de responsabilização criminal (Maalla, 2024).

Entretanto, com uma história de crimes de guerra, violações de direitos humanos e repressão contra civis, o que inclui práticas de limpeza étnica, tortura, violência sexual e roubo em massa, a busca da RSF por legitimidade política, em meio a manutenção de práticas

violentas, não teve êxito, culminando eventualmente na guerra civil atual. Essa contradição entre a tentativa da RSF de projetar-se legitimamente e a realidade de sua governança marcada pela violência é, portanto, o centro de análise deste trabalho.

Uma análise das transformações da RSF em torno da construção de uma identidade política se beneficiará de debates e literaturas que enfocam os conceitos de “novas guerras” e “ordens híbridas de governança”. Esses referenciais teórico-conceituais permitem compreender como grupos armados não estatais, como a RSF, operam não apenas como combatentes, mas também como administradores informais de territórios e agentes em busca de legitimidade política em contextos marcados por colapso estatal.

Assim, esta dissertação busca analisar as formas pelas quais a RSF buscou construir uma identidade política, avaliando se essas tentativas representam um processo real de transformação institucional ou se elas são somente estratégias de sobrevivência. A hipótese que este trabalho almeja apresentar é que, apesar dos esforços de criação de estruturas de governança paralela, especialmente a partir da figura de Hemedti, a RSF permanece presa a uma lógica de dominação baseada na violência, no saque e em alianças pragmáticas, o que limita sua capacidade de se consolidar como um ator político legítimo.

Na questão metodológica, a pesquisa adota uma metodologia qualitativa e interpretativista, compreendendo os discursos e as práticas da RSF, como apresentados nas fontes utilizadas, como produtores de significados que permitem refletir sobre a produção de identidades, relações de autoridade e construção de legitimidade.

A partir dessa diretriz metodológica, a dissertação emprega o método de análise documental, que, por meio do uso de artigos especializados, literatura acadêmica atual e fontes jornalísticas, busca compreender os discursos e processos que, à luz do debate sobre “novas guerras”, tal como proposto por Kaldor, ajudam a

pensar a metamorfose da RSF, especialmente no que se refere às práticas de privatização da violência, à articulação de uma identidade híbrida - político-criminal - e às estratégias discursivas e práticas de legitimação territorial.

O estudo está organizado em três partes principais. A primeira apresenta a história das RSF, desde a sua formação até à sua solidificação como força paramilitar central no atual conflito sudanês. A segunda parte estabelece o quadro teórico que fundamenta a análise, situando as RSF na dinâmica contemporânea da guerra e da governança. Por fim, a terceira parte aborda os esforços mais recentes das RSF para estabelecer uma identidade política, analisando as suas contradições, limites e implicações para o futuro político do Sudão.

## 1. A guerra civil no Sudão

O Sudão é uma nação particularmente singular, localizada no cruzamento entre a África Subsaariana e o mundo árabe. Tendo uma população de cinquenta milhões de pessoas e mais de quinhentos grupos étnicos, o país possui uma maioria árabe sunita e minorias não árabes significativas, como os Fur, Masalit e Zaghawa. A despeito de sua abundância em recursos naturais, contendo recursos como gás natural, ouro e prata, ele foi profundamente marcado por um histórico colonial de pilhagem e negligência.

A história do Sudão foi moldada por longos períodos de dominação estrangeira, nos quais diferentes potências estruturaram o território em função da exploração econômica. No Sudão Turco-Egípcio (1820–1885), a região, nas palavras do pesquisador Emeric Rogier, foi estruturada como um 'estado de pilhagem'<sup>1</sup>, centrada principalmente no tráfico de escravos e na extração de recursos minerais (Rogier, 2005). Esse modelo foi reforçado no período do Sudão Anglo-Egípcio (1899–1956), onde o aparato

---

<sup>1</sup> A expressão em árabe que denota esse estado no Sudão é *al-hukum* (Rogier, 2005).

colonial britânico manteve a lógica extrativista, relegando vastas regiões, como Darfur, à marginalização econômica e política.

Entre o domínio egípcio-otomano e o anglo-egípcio, ocorreu a Guerra Madista (1881–1898), um conflito onde houve uma tentativa de criação de soberania sudanesa frente à dominação estrangeira, que governou a região por cinco anos (1885–1898). Liderada pelo líder religioso Maomé Amade, o regime madista reuniu elementos religiosos, militares e políticos, instaurando um governo teocrático que deixou marcas profundas na identidade nacional, como o autoritarismo, o acirramento de rivalidades tribais e o uso maciço de práticas de coerção, inspirando grupos como a RSF (Abbas, 2024).

Ao conquistar a sua independência em 1956, o Sudão herdou um exército que era um século mais velho que o próprio Estado. Forjado inicialmente para servir aos interesses imperiais, as Forças Armadas do Sudão (SAF, sua sigla em inglês) rapidamente desenvolveram uma identidade autônoma, refletindo um padrão observado em outros países do Chifre do Norte da África, onde os militares não aceitam serem subordinadas plenamente às instituições civis, atuando com forte independência funcional em relação ao Estado (Serels, 2024). No caso sudanês, essa autonomia se expressou na articulação de diferentes visões para o futuro do país e, sobretudo, no uso recorrente da força como meio de consolidar poder. Ao todo, membros do exército já derrubaram o governo seis vezes, em 1958, 1969, 1985, 1989, 2019 e 2021 (Serels, 2024), fazendo com que a história política do Sudão seja marcada por golpes militares, instabilidade e guerras civis.

Paralelamente à centralidade do exército, a independência também consolidou o poder de uma elite árabe-muçulmana concentrada na capital Cartum, que procurou ao longo das décadas “sudanizar” o país a partir de uma identidade nacional homogênea, ancorada na língua árabe e no islamismo sunita. Esse projeto de construção estatal ignorou a diversidade étnica, cultural e religiosa

que caracterizava o Sudão, marginalizando populações não árabes como os Fur e as comunidades cristãs e animistas do sul. Essa tentativa de homogeneização forçada aprofundou ainda mais as tensões no país, com o crescimento de grupos separatistas e clamor popular por uma governança democrática inclusiva (Nzau, 2024).



Fonte: (Atta-Asamoahs; Mahdi, 2023)

Em 1989, o General Omar al-Bashir tomou o poder no Sudão através de um golpe militar, uma posição que controlou por três décadas. Tendo apoio da organização islâmica radical Frente Islâmica Nacional, ele buscou não só garantir a sua permanência no poder como também em transformar o Sudão num país onde a identidade árabe e o islamismo dominassem todos os aspectos da vida pública. Um exemplo disso foi ao incorporar a Sharia no código penal do país pelo Ato Criminal do Sudão de 1991 (Salih, 2023).

Duas decisões que Omar al-Bashir tomou durante as três décadas que governou o Sudão repercutem até a guerra atual. A

primeira delas foi incentivar à migração de pastores árabes para a região de Darfur, onde os nômades viram-se em confronto direto com os interesses das comunidades africanas sedentárias, como os Fur, Zaghawa e os Masalit, pelo controle de terras agrícolas e fontes de água (Jaffer, 2024). A frequente expansão territorial desses nômades gerou acusações de invasão e roubo de recursos, rompendo a coexistência que existia entre os povos da região e alimentando a tensão que viria a explodir no início do século XXI.



Fonte: (Elzarov, 2022)

A segunda decisão foi implementar a política de *tamkeen*<sup>2</sup>, que permitiu aos apoiadores do regime tomarem o controle de quase todas as facetas da vida pública no Sudão (Berridge, 2023) até a queda do ditador em 2019. Ao longo dos anos, essa política deu origem a uma vasta rede de clientelismo com os aparatos de segurança, por meio da qual al-Bashir comprou a lealdade desses grupos (ADF, 2024). O ditador recompensava seus apoiadores

<sup>2</sup> A palavra Tamkeen significa empoderamento.

distribuindo recursos e concedendo oportunidades de controle e investimento de vários setores da economia sudanesa, como bancos, empresas, agricultura e até entretenimento (Abbas, 2023).

Essa política pode ser entendida como a consolidação de uma ordem híbrida de governança, na qual os mecanismos formais do Estado, como as repartições públicas e as instituições de segurança, são instrumentalizados por redes informais de patronagem. Nesse tipo de arranjo, como argumenta William Reno, o Estado não desaparece, mas se funde com redes de clientelismo que usam prerrogativas soberanas para se integrar e controlar economias consideradas ilícitas pela lei do país (Trinkunas; Clunan, 2010, p. 60). Além disso, um aspecto importante das ordens híbridas de governança, relevante no caso sudanês, é o fato de tribos e clãs, ou seja, forças da tradição, priorizarem seus próprios interesses em detrimento do bem coletivo simbolizado pelas instituições estatais. Em muitos contextos, esses atores chegam a desfrutar de maior legitimidade local que o próprio Estado, legitimidade essa que deriva de tradições, normas culturais e redes de lealdade (Trinkunas; Clunan, 2010, p. 20).

No caso do Sudão, al-Bashir fez uso do aparato estatal para proteger seus aliados da responsabilidade legal, conceder acesso privilegiado a setores estratégicos da economia e transformar atividades ilícitas em instrumentos de dominação política. Esse tipo de governança, fundamentada em redes que operam às margens das estruturas tradicionais do Estado, representa também o que alguns estudiosos definem como “criminalização do Estado”, uma vez que o Estado de Direito é corroído e substituído por formas de controle social e político baseadas em economias violentas e clandestinas (Trinkunas; Clunan, 2010, p. 61).

Em 2003, enquanto Omar al-Bashir enfrentava uma guerra civil no atual Sudão do Sul, uma nova insurreição eclodiu na região de Darfur. Esta revolta foi liderada sobretudo pela população não

árabe, como os Fur, Zaghawa e Masalit, que se levantaram contra o que viam como a marginalização e negligência do governo pela sua região e pelo seu povo (Craze; Makawi, 2025). A revolta surpreendeu al-Bashir, pois as Forças Armadas do Sudão (SAF) estavam já envolvidas no conflito no Sul e não podiam se mover com rapidez para o Darfur.

Nesse contexto, o ditador decidiu recorrer ao uso de milícias para combater rebeliões em Darfur (Serels, 2024), uma “contrainsurgência barata” (*counterinsurgency on the cheap*), onde as milícias, ao invés de serem pagas pelo governo, tinham total liberdade para saquear as aldeias dos seus inimigos (Craze; Makawi, 2025). Essas novas milícias eram compostas por membros da parcela nômade árabe da população do Darfur, cujo incentivo do governo as trouxe para a região (Jaffer, 2024). Elas ficaram conhecidas internacionalmente como *Janjawid*<sup>3</sup> devido à brutalidade que infringiram à população de Darfur. Estima-se que cerca de 200 mil pessoas tenham sido mortas e aproximadamente 2,7 milhões foram forçadas a deixar suas casas, se mostrando extremamente eficazes ao assegurar a sobrevivência do regime.

Ao mesmo tempo em que o conflito no Darfur se acirrava, a Segunda Guerra Civil Sudanesa, iniciada em 1983, terminou em 2005, quando al-Bashir foi forçado a assinar o Tratado de Naivasha com os grupos separatistas do sul. Esse acordo abriu caminho para a independência da região em 2011, quando nasceu o Sudão do Sul (Mwakideu, 2023), fruto de décadas de marginalização, violência e disputas pela autonomia política.

Para manter sua posição como governante do Sudão, Omar al-Bashir realiza uma fragmentação do seu aparato de segurança, passando a utilizar diferentes órgãos como contrapesos entre si, atribuindo-lhes responsabilidades sobrepostas e dificultando suas linhas de comunicação e coordenação, o que gerou rivalidades

---

<sup>3</sup> A palavra ‘Janjawid’ significa “demônios a cavalo”.

internas (Hassan; Kodouda, 2019). Uma das principais consequências dessa estratégia foi o enfraquecimento do exército e o fortalecimento do que veio a se tornar a RSF (Abbas, 2023).

Em 2013, al-Bashir reorganiza as milícias Janjawid numa força paramilitar, as Forças de Suporte Rápidas, que serviria como sua proteção particular, independente do controle militar. Inicialmente sob o controle do Serviço Geral de Inteligência (Matfess, 2019), a RSF atuou nos últimos anos do regime de al-Bashir como um contrapeso à SAF, como uma força móvel que poderia ser rapidamente mobilizada para suprimir qualquer insurreição e como guarda de fronteira (Dabanga, 2015). A pessoa que ele escolheu para liderar a RSF foi Mohamed Hamdan Dagalo, conhecido como Hemedti.

No Sudão, a realidade nacional continuava a piorar. A independência do Sudão do Sul, em 2011, resultou na perda de cerca de 75% das exportações de petróleo do país (Craze; Makawi, 2025), o que provocou um colapso fiscal que o regime não conseguiu controlar. O Sudão permaneceu também isolado e sob sanções económicas impostas pelas potências ocidentais, agravando ainda mais a crise. Diante da escassez generalizada, o governo aprovou medidas de austeridade e fomentou uma forte desvalorização da moeda (BBC, 2019), o que provocou a frustração popular. Essa insatisfação se transformou em uma onda de protestos em todo o país que acabou por defender reivindicações contra décadas de repressão e má gestão (Elmileik, 2018).

Em abril de 2019, após meses de mobilizações populares, al-Bashir foi deposto pelo seu próprio aparelho de segurança (Hassan; Kodouda, 2019). A SAF e a RSF, temendo a escalada da deserção de oficiais subalternos e o colapso do regime, interferiram para o afastar e preservar as suas estruturas de poder, instituindo o Conselho Militar de Transição (TMC) como a nova autoridade no país (Gallopin, 2020).

O fim do regime de Omar al-Bashir em 2019 marcou o início de um período transitório que durou até 2021, quando o Conselho Militar de Transição (TMC) negociou um acordo com a coalizão Forças pela Liberdade e Mudança (FFC), formada por partidos políticos e organizações da sociedade civil. O objetivo oficial era estabelecer a democracia no Sudão (Craze; Makawi, 2025). No entanto, a presença dos militares no processo de transição era rejeitada pela população civil, embora o equilíbrio de poder na época impedissem a formação de um governo exclusivamente civil (Assal, 2023). Entre 2019 e 2021, a liderança do primeiro-ministro Abdalla Hamdok enfrentou enormes dificuldades para avançar reformas estruturais, esbarrando no poder das elites militares. Segundo Reem Abbas, a SAF controlava setores como bancos e terras agrícolas, enquanto a RSF dominava a mineração de ouro em Darfur (Abbas, 2023).

A configuração de poder no Sudão impediu qualquer mudança política substancial, já que tanto a SAF quanto a RSF se recusaram a renunciar a seus privilégios (Assal, 2023). A expectativa de que ambas fossem responsabilizadas por abusos do passado também gerava resistência dentro das forças armadas e paramilitares, minando ainda mais a confiança no processo de democratização. Diante dos planos de Hamdok para implementar reformas exigidas pelo FMI, que incluíam remover a participação de SAF e RSF da economia, os dois grupos se aliaram mais uma vez e executaram um novo golpe militar em 2021, encerrando a breve tentativa de transição civil (Abushama et al., 2023).

O golpe de 2021 desencadeou uma onda de protestos massivos em Cartum e em outras cidades do país, liderados sobretudo por movimentos pró-democracia e com forte participação de jovens (Wanni, 2022). A persistência das manifestações, que exigiam o retorno ao governo civil e o fim do governo militar, manteve a pressão sobre os golpistas, obrigando-os a retomar negociações com setores civis.

Após meses de protestos e negociações, as forças armadas e o principal grupo pró-democracia firmaram um acordo, em dezembro de 2022, com o propósito de resolver a crise e iniciar uma transição de dois anos para a realização de eleições. Apesar das esperanças iniciais, o acordo deixou de lado questões centrais, como a criação de um poder judicial de transição (Idris; Jeffery, 2022), e acabou agravando as tensões entre as duas principais forças armadas do país (Craze; Makawi, 2025). A integração da RSF no exército regular, uma exigência da SAF nos termos do acordo, foi interpretada por Hemedti como uma ameaça direta à sua organização, que se tinha consolidado como uma força paralela com vasto poder militar e econômico, fazendo-o recorrer ao uso da força.

O conflito entre a SAF e a RSF eclodiu em abril de 2023, começando na capital Cartum e se espalhando por todo o país. Com os dois lados mobilizando milhares de combatentes, o Sudão ficou dividido entre áreas controladas por cada facção. Embora fosse esperado que a SAF saísse rapidamente vitoriosa devido à sua superioridade tecnológica, a RSF mostrou resiliência e capacidade ofensiva, assegurando o controle de grande parte da capital e conquistando territórios importantes como Wad Madani, capital do Estado de Gezira o que lhe permitiu se deslocar para outras regiões do país, como Sennar, no sudeste, Nilo Azul, no leste, e Nilo Branco, no sul (Jamal, 2025).

O conflito no Sudão pode ser compreendido a partir do que Mary Kaldor denomina de “novas guerras” - formas organizadas de violência que emergem em cenários de globalização e colapso do Estado, caracterizadas pela fusão entre guerra, crime organizado e violações de direitos humanos (Kaldor, 2012, p. 15). Nessa definição da violência armada, a presença de atores estatais e não estatais, como a SAF e a RSF, reforça a fragmentação do monopólio da violência, substituído por formas privatizadas e descentralizadas. Outro aspecto central dessas guerras é o financiamento do embate armado.

No caso sudanês, essa dimensão econômica se entrelaça à própria natureza híbrida da RSF. A milícia se apresenta simultaneamente como força política e organização criminal, demonstrando uma hibridez que demonstra como ela atua tanto como ator armado inserido em dinâmicas estatais quanto como organização econômica privada, moldando formas locais de autoridade e redistribuição.

A RSF se sustenta por meio de saques, extorsão, mineração de ouro e apoio estrangeiro, compondo o que Kaldor define como uma “economia de guerra globalizada”, na qual a violência se torna um meio de reprodução econômica (Kaldor, 2012, p. 25). Essa economia de guerra é sustentada, entre outros fatores, por práticas de pilhagem, tráfico ilegal de ouro e financiamento externo, sendo os Emirados Árabes Unidos o principal patrono da RSF (Bianco; Brown, 2025).

Assim, é possível ver que a RSF ilustra com clareza o tipo de lógica descrita por Kaldor, na qual a guerra deixa de ser apenas confronto militar e passa a constituir um modo de governança, baseado na violência, na acumulação e na instrumentalização de identidades. A RSF, portanto, não é apenas uma milícia insurgente, mas um ator político-criminal, cuja sobrevivência depende da capacidade de alternar entre coerção e negociação, entre discursos de legitimidade e práticas de espoliação.

A guerra civil no Sudão também expressa lutas fragmentadas pelo controle de recursos, poder local e legitimidade, conectadas a economias ilícitas, elemento essencial do conceito de Kaldor. Nessa lógica, ainda que mantenha aspectos de guerras tradicionais, com confrontos diretos entre forças regulares, nas “novas guerras” o objetivo central dos grupos armados deixa de ser estratégico ou ideológico, voltando-se à mobilização instrumentalizada de identidades étnicas ou religiosas, com ataques sistemáticos à população civil e deslocamentos forçados (Kaldor, 2012). A RSF exemplifica esse padrão, ao empregar violência sistemática contra

civis com o intuito de exterminar identidades divergentes e afirmar sua dominação com base em estruturas tribais e tradicionais. A guerra no Sudão, portanto, reflete a sobreposição entre repressão estatal, guerra e criminalidade, tal como descrito por Mary Kaldor.

Ao mesmo tempo que o conceito de “novas guerras” é uma ferramenta bem utilizada e reconhecida no ambiente acadêmico, ele também é alvo de críticas que questionam questões como sua originalidade histórica e sua precisão conceitual. Como Kaldor argumenta, certos autores como Mats Berdal e Stathis Kalyvas declararam que muitos dos elementos descritos por ela (Kaldor, 2013), como a presença de atores não estatais, a motivação econômica, o uso da violência contra civis e a fragmentação do poder, já estavam presentes em guerras anteriores, especialmente nos conflitos civis e coloniais do século XX (Kaldor, 2013).

Não só isso, outras críticas, como a de Sven Chojnacki, incidem na base empírica da tese, sugerindo que os dados disponíveis não sustentariam uma ruptura clara entre guerras “novas” e “antigas” (Kaldor, 2013), outros afirmam que o conceito confunde fenômenos distintos, associando as “novas guerras” com aspectos específicos como o crime, a privatização ou a brutalidade, deixando de lado o quadro conceitual global que relaciona os atores, os objetivos, os métodos e as formas de financiamento (Kaldor, 2013).

Mesmo com todas as críticas, Kaldor defende o conceito de “novas guerras”, argumentando que o termo deve ser entendido não como uma categoria empírica, mas como uma estratégia de pesquisa para compreender a lógica específica que estrutura os conflitos contemporâneos. Nesse caso, a ideia das “novas guerras” ajuda tanto a compreender uma mudança no caráter da violência organizada, quanto oferece uma maneira de compreender, interpretar e explicar as características inter-relacionadas dessa violência (Kaldor, 2013).

Nesse sentido, o conceito de “novas guerras” é útil para a dissertação não para definir o que é inédito naquilo que está sendo analisado, mas funciona para tipificar a lógica que opera nos discursos e práticas das guerras contemporâneas, uma lógica que, no caso da RSF, combina coerção, pilhagem e mobilização identitária.

## **2. A RSF: trajetória, estrutura e modo da ação**

Como se discutiu acima, a força paramilitar RSF é uma organização originada das milícias Janjawid, criadas no início dos anos 2000 como parte da estratégia de contrainsurgência do regime de Omar al-Bashir em Darfur (Craze; Makawi, 2025). Formadas principalmente por grupos nômades árabes, essa milícia recebeu não só armamentos do governo como também autonomia para agir com brutalidade contra comunidades vistas como simpatizantes da rebelião. Seu padrão de atuação é extremamente violento. Ao invadirem um local, os combatentes dessas milícias executavam ou mutilavam os homens, estupravam as mulheres e matavam ou sequestravam as crianças. Em seguida, destruíam as condições básicas de vida da população local, queimavam campos e casas, envenenavam os poços e saqueavam todos os bens de valor (Ray, 2025), deixando cicatrizes profundas, como ocorrido na região de Darfur.

Para os Janjawid, o objetivo principal era a expansão das terras de suas tribos através da expropriação das terras dos povos de pele escura de Darfur, como os Zaghawa, Fur e Masalit. Ao perceber a oportunidade dada pelo governo, esses grupos decidiram “limpar” as terras que queriam, com o uso de táticas como limpeza étnica, deslocamento forçado da população e o estupro como arma de guerra.. Mesmo antes do surgimento da RSF em 2013, os soldados que posteriormente integrariam a força já atuavam a partir de uma ideologia política baseada no supremacismo árabe (Read, 2012), com suas vítimas sendo os povos não-árabes de Darfur como os Fur, Masalit e Zaghawa.

Tendo em vista a atuação de extermínio dos Janjawid, é possível ver como as táticas, ações e objetivos dessas milícias se alinham ao que Mary Kaldor descreve como “novas guerras”. Nesses conflitos, combatentes não-estatais buscam o controle da população por meio do terror, sem interesse em uma vitória convencional (Kaldor, 2012).

Para os Janjawid, a impunidade e o auxílio do governo representaram uma oportunidade única para “limpar” as terras que queriam, provando serem eficazes nesse intuito. Embora o uso dessas milícias tenha sido fortuito no curto prazo para o ditador, ela teve efeitos colaterais importantes: muitos comandantes das milícias começaram a se sentir insatisfeitos com o governo, alegando não terem recebido as posições de poder e recompensas prometidas. Esse descontentamento resultou em embates internos entre as milícias e até mesmo entre as milícias e as forças do regime (Craze; Makawi, 2025). Diante do risco de perder o controle, al-Bashir decidiu reestruturar esses grupos armados em uma organização que, ao menos na teoria, seria mais fácil de controlar: a RSF.

Dentre os líderes mais poderosos dos Janjawid, ninguém superou Hemedti. Membro da tribo Rizeigat, ele ganhou destaque por sua eficácia nos combates em Darfur. Após se tornar líder da RSF, ele passa a acumular cada vez mais poder político, econômico e militar, com apoio do ditador. De um conjunto de milícias rivais, a RSF se tornou, nas palavras do acadêmico Alex de Waal, em uma “*private transnational mercenary enterprise*” (Waal, 2023c), com sua liderança centrada na família Dagalo.

Ao mesmo tempo que a RSF se metamorfoseava como ator criminal, ela se tornava cada vez mais independente. Em 2017, ela deixou de ser subordinada ao serviço de inteligência (NISS), sendo transferida para o controle do Gabinete do Presidente (Barfuss, 2023). Isso fez com que ela, uma organização derivada de tribos marginalizadas de Darfur, estivesse no mesmo patamar da SAF e da NISS na estrutura estatal (Craze; Makawi, 2025).

A RSF, antes da guerra civil, era sustentada por duas formas. De um lado, se mantinha com fundos fornecidos pelo Estado, já que o ditador buscava assegurar sua permanência no poder pela lealdade da força paramilitar. Com a queda de al-Bashir em 2019, a RSF mobiliza atividades mercenárias, enviando soldados para guerras perto do país, como ocorreu no Iêmen, com milhares de soldados da RSF contratados para lutar contra os Hutis, sob o comando da coalizão dos Emirados Árabes Unidos e da Arábia Saudita (Abbas, 2023).

Por outro lado, para além do mercenarismo, a RSF conquistou o controle de diversas minas de ouro em Darfur e em outras regiões do país (Abbas, 2023). A renda derivada da exploração mineral enriqueceu membros da família Dagalo, especialmente através da holding Al-Junaid, que controla e comercializa oficialmente essas minas (Soliman; Baldo, 2025). Ao cobrar taxas e impostos para garimpeiros e empresas de mineração, a família Dagalo estabelece um modelo predatório de dominação ilegal de um dos setores econômicos mais importantes do país (Craze; Makawi, 2025). Esse domínio econômico fez com que Hemedti se tornasse um dos principais traficantes de ouro ilegal na região.

O poder conquistado pelo sistema de exploração empreendido pela família Dagalo configura no Sudão um sistema de governança híbrido no qual coabitam instituições estatais formais e mecanismos informais ou tradicionais. Nesse caso, a população está sujeita simultaneamente ao sistema legal estatal e a um modelo paralelo imposto por atores criminosos ou armados. Consolida-se uma economia ilícita onde milícias preenchem a lacuna da governança estatal e assumem funções regulatórias e de proteção necessárias para o funcionamento dessa economia (Trinkunas; Clunan, 2010, p. 181). Assim opera a RSF, que se consolidou na região de Darfur por meio de economia ilícita, buscando não só se

enriquecer como também espalhar sua influência e ganhar legitimidade local em espaços esvaziados de poder estatal.

Com a imensa riqueza acumulada, a RSF usou a rede de patronagem de Omar al-Bashir para expandir suas operações econômicas em outros setores da economia, como bancos, construção, transporte e agricultura, criando uma economia de enclave para se isolar e precaver das mudanças de poder político no Sudão (Abushama et al., 2023). Nessa perspectiva fica claro que a RSF se encaixa na visão de William Reno sobre insurgentes e *warlords*, uma vez que Hemedti conseguiu privatizar o acesso a recursos em áreas sob o seu controle. Através da rede de patrocínio do ditador, ele pôde também financiar a expansão de seu grupo armado, indiferente aos interesses da comunidade local (Trinkunas; Clunan, 2010, p. 72). Essas ações demonstram como a RSF, desde sua criação, é uma empresa mercenária privada voltada para o enriquecimento e fortalecimento de Hemedti e seu clã.

Ao espalhar sua influência pela economia sudanesa, a RSF também expandiu seu aparato militar, recrutando árabes de regiões marginalizadas como Darfur e Cordofão do Sul (Craze; Makawi, 2025), atraídos por benefícios como altos salários (Abbas, 2023). Ao enviar soldados para guerras estrangeiras, as fileiras da RSF ficavam cada vez mais experientes, um fator importante para entender por que a milícia obteve tantas vitórias sobre a SAF na guerra.

Toda a história da RSF durante a ditadura de Omar al-Bashir mostra como ela operou na periferia do Estado, agindo com impunidade graças ao ditador, que garantia patrocínio político e silenciava críticos. A sua ascensão meteórica se deve ao apoio do governo, se tornando um exemplo bem-sucedido de um ator criminal em expansão. A queda de seu benfeitor frustrou os planos da RSF, fazendo-a perder o auxílio institucional que promovia seus interesses militares e financeiros (Maalla, 2024). Entretanto, ao se aliar ao exército, no contexto do governo transitório, Hemedti se tornou vice do general Abdel Fattah al-Burhan (Abushama et al., 2023). Tal

condição permitiu o uso de campanhas de propaganda para angariar apoio popular e reabilitar a imagem da RSF, responsável, naquele contexto pela morte de cem homens (Mattfess, 2019), centenas de feridos e o estupro de cerca de setenta mulheres e homens no Massacre de Cartum de 2019 (Salih; Burke, 2019).

Na tentativa obter apoio entre a população local, passou a se apresentar como defensora das mudanças sociais, dando enfoque para a minoria nômade árabe de onde a milícia se originara. Segundo o jornalista Matt Nashed, a meta da milícia era se pintar como salvadora do Sudão (Jones, 2025), usando como “armas” doações e assistência local (Maalla, 2024). Entretanto, mesmo com tais investimentos, a RSF continuava sendo vista com desconfiança tanto pelo establishment militar quanto pela liderança civil (Craze; Makawi, 2025). Sem esperança de garantir um acordo semelhante ao de Bashir, no qual a RSF poderia expandir seu império militar e financeiro, deixando a governança e a administração política para outros (Maalla, 2024), a milícia decidiu apoiar o golpe em 2021 e, depois de tensões violentas com a SAF, iniciar a guerra civil em 2023.

Com o início da guerra civil e a conquista de grandes extensões de terra, a RSF passou a enfrentar novas fontes de instabilidade dentro dela, expondo suas profundas limitações institucionais e administrativas. A rápida expansão territorial não foi acompanhada por mecanismos eficazes de governança ou por estruturas estatais funcionais, o que fez com que a administração paramilitar se transformasse em uma subsidiária da economia de guerra da RSF, marcada por saques sistemáticos, destruição de infraestrutura (como hospitais, escolas e redes de comunicação) e bloqueio do acesso a alimentos e suprimentos médicos (Jones, 2024).

Diante do colapso interno que o Sudão começou a sofrer com o início da guerra civil, a RSF passou a depender cada vez mais de redes externas de financiamento e de apoio militar para manter sua

capacidade de combate e garantir o controle sobre os territórios ocupados. Foi nesse contexto que, em 2023, a milícia estreitou laços com o Grupo Wagner, organização paramilitar russa com atuação consolidada na África e no Oriente Médio, e que já estava no país desde o governo do ditador Omar al-Bashir (Ehl, 2024).

Para ambas as partes, a relação era mutuamente benéfica: o Grupo Wagner tinha como objetivo principal criar uma rota de contrabando para o ouro do Sudão para Dubai e depois para a Rússia, para que pudesse financiar as operações do Grupo Wagner na Ucrânia (AlJazeera, 2024). Em troca, o Grupo Wagner forneceu treinamento, armamento e inteligência à RSF, em particular mísseis de longo alcance (Elbagir et al., 2023).

Essa parceria revela como o conflito sudanês se insere em uma economia globalizada da violência, na qual milícias e forças militares privadas cooperam em função de interesses mútuos. Para o Grupo Wagner, o Sudão representava uma oportunidade de assegurar o fornecimento de ouro ao mercado russo e ampliar sua presença no continente africano (Larsen; Wivel, 2025); para a RSF, o apoio logístico e técnico permitia a ela se manter de pé no conflito e fortalecer laços com parceiros.

Embora não seja possível afirmar com certeza o grau de conexão que ambos os grupos mantêm atualmente, é inegável que essa antiga cooperação entre a RSF e o Grupo Wagner reforçou a natureza predatória da milícia. A relação estabelecida durante o auge da guerra civil deixou marcas profundas na forma como a RSF organiza suas redes de poder, e mesmo após a Rússia estreitar suas relações diplomáticas e militares com a SAF (Ehl, 2024), o legado dessa parceria permaneceu na estrutura da RSF, consolidando práticas de saque, coerção e dependência de capitais estrangeiros como pilares de sua sobrevivência política e econômica.

Ao mesmo tempo, a RSF também constroi uma narrativa ideológica que a apresentava como força de “salvação nacional” na

luta contra os islamistas ligados ao antigo regime de Omar al-Bashir. Nas palavras de Hemedti, a RSF está “lutando contra islamistas radicais que desejam manter o Sudão isolado e na escuridão, longe da democracia” (Gatnash, 2023). Segundo análise do portal *Sudan In The News*, a milícia popularizou o *Kezan* (islamistas) para designar seus inimigos internos e justificar operações militares e punições coletivas em nome da defesa da revolução e da ordem civil, sendo essa outra forma de tentar adquirir legitimidade doméstica e internacional (SudanIntheNews, 2024a).

Essa retórica anti-islamista, porém, retém forte ambiguidade: ao mesmo tempo que denuncia os islamistas como ameaça à estabilidade, a própria RSF abriga em suas fileiras antigos membros do regime de al-Bashir e reproduz métodos autoritários semelhantes. O discurso religioso, portanto, funciona como mais um instrumento pragmático de poder, legitimando massacres, perseguições e controle territorial sob a aparência de combate ao extremismo (SudanIntheNews, 2024a).

Na chamada “República de Kadamol”, o território controlado pela RSF, que recebeu este nome em referência ao lenço que cobre o rosto usado pelos povos nômades do Saara (Waal, 2023c), esse modelo de administração predatória se cristalizou em uma forma de capitalismo de fronteira invertido, voltado à extração predatória de recursos em detrimento da construção de estruturas estatais (Jones, 2025). Trata-se de uma continuidade histórica: antes mesmo da independência, o Sudão já funcionava como um *pillage state* sob domínio egípcio-otomano e, depois, anglo-egípcio (Rogier, 2005). Como observa Alex de Waal, a “República de Kadamol” não inaugura uma novidade, mas reproduz, em escala contemporânea, a lógica de saque e violência que sempre marcou a formação política sudanesa (Waal, 2023b).

Um desafio central para a estabilidade da RSF se encontra no seu próprio processo de recrutamento. Ela buscou integrar

praticamente todas as tribos e comunidades árabes de Darfur, o que lhe garantiu, inicialmente, uma base de combate numerosa e mobilizada para enfrentar a SAF. Contudo, essa decisão carregava em si um problema estrutural: esses grupos não deixaram de lado suas rivalidades históricas, trazendo para dentro da RSF tensões internas difíceis de controlar (Craze; Makawi, 2025). Um exemplo claro de como isso se manifesta nos territórios sob seu controle pode ser visto na própria capital de Darfur do Sul, Nyala, onde a população convive rotineiramente com saques, sequestros e assassinatos praticados por grupos armados (AyinNetwork, 2025).

Além disso, algumas dessas comunidades passaram a instrumentalizar a milícia para perseguir objetivos próprios. O exemplo mais conhecido foi a campanha de limpeza étnica em El Geneina, que resultou na morte de cerca de 15.000 pessoas (Craze; Makawi, 2025). Esse tipo de ação mostrou como a RSF, longe de ser um ator coeso, também se converteu em plataforma para agendas locais violentas.

A fragmentação da RSF também se origina nas tensões provocadas pelo domínio exclusivo da família de Hemedti sobre os principais postos de comando. Essa concentração de poder alimenta a insatisfação entre os comandantes subordinados, o que levou a Hemedti decidir usar uma tática herdada do regime de Omar al-Bashir: autorizar que suas tropas pilhem cidades e vilarejos conquistados, usando o saque como uma forma de pagamento e recompensa pela lealdade desses combatentes (Jones, 2025). No longo prazo, esse mecanismo clientelista não resolve os conflitos internos, e sim amplia o risco da própria RSF implodir sob suas contradições (Saad, 2025).

Dessa forma, a trajetória da RSF desde sua gênese como milícia Janjawid até sua consolidação como um dos principais atores do conflito sudanês, revela um processo de transformação contínua, mas profundamente ambíguo. Ainda que tenha alcançado uma

estrutura organizacional, com recursos econômicos e forte presença nacional, a RSF continua enraizada em uma lógica de dominação baseada na violência, no patronato armado e na exploração predatória de recursos (Jones, 2024). Ao se adaptar às exigências do momento, ela se transforma como ator criminal, sendo rodeada por problemas que a fazem buscar se transformar em um ator político legítimo.

A perda de Cartum no início de 2025, após dois anos de intensos combates, foi um momento decisivo na trajetória da RSF (Usher, 2025). Embora tenha capturado a maior parte da capital na fase inicial do conflito, a milícia foi gradualmente expulsa por uma combinação de ataques aéreos sistemáticos, cortes nas linhas de abastecimento e resistência das Forças Armadas Sudanesas, apoiadas por diversos grupos que, apesar de suas diferenças, desejavam acima de tudo derrotar a milícia (Czerep, 2025). A derrota, e a perda de edifícios simbólicos como o palácio presidencial e o aeroporto internacional (Monitor, 2025), forçou a milícia a buscar outras formas de se manter de pé no conflito, intensificando a sua busca por legitimidade política fora do campo de batalha.

Antes da derrota na capital, a RSF assinou uma carta em Nairóbi para estabelecer um “governo de paz e unidade”, se juntando com vinte partidos políticos, dez organizações da sociedade civil, cinco grupos armados e vários grupos de lobby. A carta prevê a criação de um “estado secular, democrático e descentralizado” (Abdelaziz, 2025). Após meses de negociações, Hemedti foi declarado presidente do novo conselho presidencial, efetivamente tornando-o o novo líder do governo paralelo (Nashed, 2025a).

### **3. A RSF: Anatomia de uma Metamorfose Ambígua**

Com a trajetória da RSF até o conflito atual estabelecida, é possível avançar nesta última parte para uma análise sobre a natureza e as limitações da metamorfose política dessa força

paramilitar. Para compreender se a RSF está conseguindo se transformar de um ator criminal para um agente político legítimo, serão examinados três eixos analíticos.

O primeiro explora seu poder territorial e suas práticas de governança, que são realizadas em seu território. O segundo trata das tentativas de adquirir legitimidade social, tanto no Sudão quanto no cenário internacional. Por último, será abordada a lógica predatória e os processos de fragmentação interna que desafiam a coesão e a sobrevivência da RSF enquanto organização. Assim, por meio desses eixos, busca-se evidenciar as incertezas sobre o processo de transformação das Forças de Suporte Rápidas.

### **3.1 Exercício de poder territorial e práticas de governança**

Desde a eclosão do conflito em 2023, tanto a RSF quanto a SAF vêm controlando vastas extensões de terra, com a RSF em particular assegurando seu controle quase que total sobre as regiões de Darfur e Cordofão, com apenas a capital de Darfur do Norte, El-Fasher, resistindo. Para a milícia, esse domínio territorial representa muito mais do que uma conquista bélica: constitui o pilar sobre o qual a milícia constrói sua pretensão de autoridade, buscando assim converter a ocupação do território como capital político, econômico e simbólico.

Com o avanço da SAF e seus aliados durante o primeiro semestre de 2025, que culminou na perda de Cartum (Princewill, 2025a), a RSF formaliza seu domínio territorial com a criação de estruturas administrativas, culminando na formação de uma aliança com facções políticas antigovernamentais sudanesas e forças paramilitares da chamada Aliança Fundadora do Sudão. Dentro desse grupo, a RSF e seus novos aliados proclamaram a criação do “Governo de Paz e Unidade” (Princewill, 2025b), um governo paralelo que busca contestar a legitimidade do governo do exército, que é considerado no cenário internacional como o governo legítimo do Sudão.

À princípio, essa iniciativa sugere um passo em direção à criação de um ator político: uma organização armada que se posiciona como um governo paralelo, com cargos civis e um primeiro-ministro. No entanto, a dúvida que surge é se essa transformação representa uma mudança substancial ou se continua sendo apenas uma fachada instrumental.

Segundo Kholood Khair, a RSF quer explorar a aparência de um governo formal para lucrar mais com os grupos de ajuda humanitária, comprar armas sofisticadas, como caças a jato, e reforçar sua posição em quaisquer negociações futuras com o exército (apud Nashed, 2025b). Assim, a RSF busca adentrar em qualquer negociação sendo reconhecida como um governo de fato, e não um grupo rebelde. Outros analistas também reforçam como a RSF, assim como a SAF, estão criando governos militarizados com fachada civil, para projetar uma imagem reformista e legitimar o domínio armado (Nashed, 2025b).

Embora seja importante considerar o panorama institucional, a realidade concreta de seu domínio territorial revela contradições profundas. Longe de ter consolidado um projeto estatal, a experiência da RSF tornou-se próxima do que os analistas chamam de “*pillage state*”, um regime caracterizado por atrocidades, pilhagens e violência sexual, e permeado por uma ideologia tóxica de supremacia árabe. Através do uso de práticas como limpeza étnica como em El Geneina (Craze; Makawi, 2025), a campanha de destruição da RSF e seus apoiadores vem resultado na desinstitucionalização sistêmica nas áreas conquistadas, ao mesmo tempo que deixam a governança do dia a dia para líderes nativos (Jones, 2025).

A realidade do domínio territorial da RSF confirma a análise de Mary Kaldor sobre a lógica das novas guerras. Para a autora, a limpeza étnica é uma das práticas centrais desses conflitos, onde o objetivo político não é a construção de uma ordem estável, mas sim o uso da violência para remodelar o espaço social e demográfico

(Kaldor, 2012, pg. 162), enfraquecendo populações vistas como inimigas e reforçando linhas étnicas entre os povos do país.

Outra questão importante da ‘governança’ da RSF é o fato que, ao ser uma confederação bamba de grupos armados, ela não retém a autoridade completa e nem o monopólio da força diante da multitude de grupos armados que ela tem que suprir com espólios para a manutenção da sua unidade (Nashed, 2025b). Esse quadro conecta à RSF diretamente ao destino de seus predecessores, os Janjaweed: um movimento suscetível à fragmentação interna, à competição por recursos e ao colapso da unidade militar.

A fragilidade estrutural apresentada demonstra também a questão das ordens híbridas de governança, difundida por autores como Harold Trinkunas. O que emerge não é um Estado paralelo funcional, mas sim uma região instável controlada através do clientelismo, extorsão e alianças pragmáticas, onde tribos colocam seus próprios interesses acima de qualquer noção de interesse coletivo ou público (Trinkunas; Clunan, 2010, p. 43), sendo recompensados com carros, dinheiro e cargos militares em troca de apoio (Jones, 2024). Assim, é possível ver como todo esse arranjo de governança híbrida danifica as tentativas da RSF de se legitimar na questão territorial, o que não é ajudado pelo fato de que seus próprios membros postam seus crimes por meio de fotos e vídeos na internet e o mundo inteiro os vê (Ahmed; Ali, 2024).

Após analisar a forma como a RSF lida com as suas questões territoriais e de governação, torna-se claro que, ao reproduzir os mesmos mecanismos de clientelismo, pilhagem e patronagem que caracterizaram o Sudão sob Omar al-Bashir, a RSF também herda as fraquezas que corroem a autoridade do Estado. Assim como o Estado foi incapaz de fornecer serviços básicos e se viu obrigado a negociar com as elites locais, a RSF agora depende de pactos precários com chefes tribais e paramilitares regionais para manter-se de pé. Isso faz com que sua autoridade seja igualmente vulnerável a deserções (Sudan Tribune, 2025), disputas internas e à escassez de

recursos que sustentam sua economia de guerra. Em outras palavras, ao se apresentar como o novo “Estado”, a RSF acaba sofrendo das mesmas limitações estruturais, revelando que sua tentativa de se transformar em um ator político continua condicionada por uma lógica predatória que compromete sua própria durabilidade.

### **3.2 Tentativas de legitimização política e ideológica**

Ao mesmo tempo em que a RSF busca converter a ocupação do território em capital político, econômico e simbólico, ela também busca assegurar sua sobrevivência através da construção de legitimidade. Esse movimento, entretanto, é ambíguo: oscila entre esforços oficiais de se transformar em um governo e o uso de estratégias violentas que tornam a RSF uma pária tanto para grande parte do povo sudanês e quanto para a comunidade internacional.

Um dos elementos mais importantes e recentes dessa busca por legitimidade dentro de um governo paralelo esteve relacionado à aproximação da RSF com o grupo armado SPLM-N (Movimento Popular de Libertação do Sudão - Setor Norte). Ao unir-se com um grupo que há décadas alega defender as pessoas marginalizadas das montanhas Nuba e do Nilo Azul (Nashed, 2025a), a RSF também busca adquirir capital simbólico e político, embora essa apropriação se revele altamente contraditória diante da retórica profundamente racializada e revisionista do grupo armado.

De fato, lideranças da RSF e apoiadores do grupo historicamente fomentaram narrativas que demonizam os povos do norte do Sudão, como os Ja'alin, Shaiygia e Danagla, acusando-os de serem herdeiros de uma estrutura colonial que oprime o país desde 1956. Esse discurso tem sido usado para justificar formas de punição coletiva, incluindo a normalização do estupro como “direito” dos combatentes engajados contra esses povos. Termos pejorativos como *Zurga* (negros) e *Jallaba* (filhos do rio) são amplamente usados para desumanizar essas comunidades, transformando campanhas de

exterminio em uma suposta “libertação anticolonial” (SudanInTheNews, 2024b).

Todos esses elementos revelam ambiguidades dessa suposta metamorfose da RSF em um ator político, como advogam alguns analistas. De um lado, a milícia busca se legitimar se associando à SPLM-N e ao discurso de defesa das periferias contra as elites do país; de outro, sustenta práticas e narrativas de exclusão racial que minam qualquer pretensão de construção de um projeto político inclusivo para o Sudão.

Outra forma pela qual a RSF vem tentando construir uma base de legitimidade social é através do uso da propaganda digital. Busca-se projetar uma imagem de defensora dos marginalizados e moldar as opiniões nacionais e internacionais a seu favor, polindo sua imagem e encobrindo o seu papel no fracasso da transição do Sudão para a democracia desde o primeiro dia da guerra (Khalafallah, 2025). Porém, novamente, apesar dessas iniciativas, os limites dessa busca por legitimação são claros.

No dia 13 de agosto de 2025, o Conselho de Segurança da ONU rejeitou a criação do governo paralelo da RSF, denunciando que a medida representa “uma ameaça direta à integridade territorial do Sudão” e pode fragmentar o país, alimentar os combates e aprofundar uma já grave crise humanitária (UN News, 2025). Em comunicado, os embaixadores reafirmaram seu apoio “inequívoco” à soberania, independência e unidade do Sudão, enfatizando que ações unilaterais que comprometam esses princípios colocam em risco não apenas o futuro do país, mas também a paz e a estabilidade de toda a região (Lederer, 2025).

A declaração ainda recordou a Resolução 2736 (2024), que exige que a RSF suspenda o cerco a El Fasher, cesse as hostilidades e reduza as tensões na capital de Darfur do Norte (UN News, 2025). Essa resposta internacional evidencia que, embora a RSF procure se

apresentar como governo legítimo e ator político, sua legitimidade continua fortemente contestada.

Em síntese, em suas tentativas de se metamorfosear de uma milícia criminosa para um ator político, a RSF replica as mesmas estratégias que deterioraram o Estado sudanês antes da guerra civil. Assim como seu antigo benfeitor Omar al-Bashir recorreu a acordos clientelistas e narrativas ideológicas para encobrir práticas predatórias (Abbas, 2023), a RSF constrói uma fachada civil decorativa, onde vários de seus membros e de facções aliadas fazem parte, mas que pouco altera sua lógica fundamental de violência e saque. Além disso, como afirma Jihad Mashamoun, o anúncio pela RSF de um “Governo de Paz e Unidade” reflete mais uma tentativa de preservar um espaço para a milícia em futuras negociações do que um sinal de uma verdadeira transformação política (apud Uddin, 2025).

Nesse sentido, confirma-se a análise de pesquisadores como Harold Trinkunas sobre ordens híbridas de governança: a RSF combina elementos de governança (instituições, alianças, propaganda) ancoradas no campo do criminal (extorsão, discriminação, limpeza étnica), mas também com apoio advindo de conexões com grupos tribais que formam sua base social. Tal forma de governança sustenta um ator miliciano dependente de alianças instáveis, possuidor de legitimidade extremamente frágil e vulnerável diante da escassez de recursos.

### **3.3 Fragmentação Interna e Lógica Predatória**

Ao mesmo tempo que a RSF tenta se projetar como ator político por meio da criação de um governo paralelo, buscando ser reconhecida legitimamente pela comunidade internacional, sua base social e econômica revela os limites dessa transformação. Se antes da guerra civil a RSF estava completamente posta sobre o controle de Hemedti e de seus familiares, a sua expansão acelerada desde o início da guerra civil, nas palavras do pesquisador Michael Jones,

transformou a RSF em uma força fragmentada, mais próxima de uma confederação de tribos armadas que, ao mesmo tempo em que obedecem Hemedti, possuem seus próprios objetivos e interesses (Jones, 2024).

Ao ampliar suas forças com o recrutamento da maioria das tribos árabes de Darfur e de mercenários e bandidos, a RSF se tornou, nas palavras de Alex de Waal, um “*lumpenmilitariat*”: um grupo heterogêneo de combatentes ligados não por ideologia ou projeto político, mas pelo acesso imediato a saques e recompensas materiais (Waal, 2023c).

Embora o recrutamento em massa tenha sido necessário para a guerra contra as Forças Armadas do Sudão, este resultou em uma fragilidade estrutural nas fileiras da milícia. Como observou Suliman Baldo, a RSF não tem capacidade de administrar centros populacionais, delegando a governança diária a líderes nativos ou a comandantes locais (apud Nashed, 2023). O resultado dessa delegação é a terceirização do poder, onde coronéis da RSF e chefes tribais operam simultaneamente como autoridades políticas e gestores de redes de saque, ou seja, um processo sistêmico de desinstitucionalização, com o vandalismo operando na ausência de uma visão política (Jones, 2024).

A coalizão instável da RSF é mantida unida por meio da lógica predatória que informa suas atividades. Em vez de remuneração formal, os combatentes da RSF são pagos com a permissão para saquear, apropriar-se de terras e cobrar taxas violentas em checkpoints. Entretanto, como alertam alguns analistas, essa economia política é insustentável, uma vez que, sendo os espólios dessas operações escassos, as rivalidades internas tendem a se intensificar, levando a deserções e conflitos entre facções (Craze; Makawi, 2025).

A instabilidade intrínseca dentro da RSF demonstra como sua governança é, na prática, uma subsidiária da economia de

pilhagem, em que a permanência da autoridade depende do fluxo constante de recursos extraídos da população (Jones, 2024). Tal diagnóstico reforça o argumento de Mary Kaldor de que, nas novas guerras, os conflitos não visam necessariamente a construção de Estados funcionais, mas a manutenção de redes predatórias baseadas na violência e no deslocamento forçado.

A RSF exemplifica plenamente esse padrão: sua sobrevivência depende de perpetuar a guerra como fonte de renda, ao custo da destruição de serviços e do deslocamento de comunidades inteiras. Ao mesmo tempo, é possível enxergar através dos debates sobre ordens híbridas de governança como a RSF não consegue se consolidar como um ator político legítimo uma vez que seu modelo de poder é baseado em alianças pragmáticas e no saque contínuo, algo que, para Tahany Maala, não auxilia os esforços da RSF de alcançar reconhecimento internacional e legitimidade local (Maalla, 2024).

Em suma, a fragmentação interna e a lógica predatória da RSF servem de base para a limitação da sua metamorfose. Apesar de suas tentativas oficiais de se apresentar como um governo, com base social, e se transformar em um ator político, seu poder depende do saque, do clientelismo e da violência desenfreada, tornando-o a milícia um exemplo claro de um ator híbrido. Essa ambiguidade reforça a hipótese central desta dissertação: a metamorfose da RSF é um processo inacabado, instável e ambíguo no qual os sinais de institucionalização coexistem com práticas que a mantêm presa à lógica de milícia predatória.

## Conclusão

A análise da trajetória da RSF mostra como ela permanece presa a uma metamorfose incompleta. Apesar dos esforços de Hemedti e de seus aliados para apresentar a organização como governo paralelo e ator político legítimo, a milícia continua fundamentada em práticas violentas,

predatórias e fragmentadas. Sua hibridez é tanto força quanto fraqueza: permite adaptação às contingências da guerra, mas impede a consolidação de uma legitimidade política durável.

Sua trajetória demonstra que a metamorfose de atores armados em atores políticos é um processo instável, incerto e contraditório, revelando os dilemas das ordens híbridas de governança no Sudão e além dele. Apesar de suas especificidades, as Forças de Suporte Rápidas servem como um exemplo nítido e emblemático de como os conflitos intra-estatais contemporâneos revelam os limites de concepções tradicionais de soberania e autoridade, exigindo que os analistas produzam categorias mais fluidas para compreender a natureza e ação de entidades que não são nem totalmente estatais ou criminais.

A utilização de dois referenciais teórico-conceituais - *novas guerras* e *ordens híbridas de governança* - ajudam a explicar como a RSF age politicamente a partir/dentro da institucionalidade estatal sudanesa, ao mesmo tempo em que permanece intrinsecamente conectada a economias ilícitas e na instrumentalização de rixas étnicas. Tais referenciais também permitem compreender como, mesmo integrada à estrutura estatal do país, a RSF conseguiu manter e expandir um império criminoso baseado no clientelismo, na extorsão e na pilhagem do povo sudanês.

Finalmente, entende-se, diante da análise feita, que a RSF revela aos estudiosos dos conflitos armados contemporâneos mais do que os contornos e formas de ação de uma milícia sudanesa. A discussão apresentada permite vislumbrar o funcionamento de formas contemporâneas de poder, em que a guerra não apenas destrói instituições, mas também cria espaços de autoridade ambígua, que borram as fronteiras entre agentes políticos e criminais.

## Referências Bibliográficas

- ABBAS, Reem. **Money Is Power: Hemedti and the RSF's Paramilitary Industrial Complex in Sudan**. The Tahrir Institute for Middle East Policy -, 26 jul. 2023. Disponível em: <<https://timep.org/2023/07/26/money-is-power-hemedti-and-the-rsfs-paramilitary-industrial-complex-in-sudan/>>. Acesso em: 16 maio. 2025
- ABBAS, Reem. **Al-Mahdiya continues to haunt Sudan**. Disponível em: <<https://www.cmi.no/publications/9171-al-mahdiya-continues-to-haunt-sudan>>. Acesso em: 6 set. 2025.
- ABDELAZIZ, Khalid. Sudan's RSF, allies sign charter to form parallel government, two signatories say. **Reuters**, 22 fev. 2025.
- ABUSHAMA, Hala *et al.* **Political and economic drivers of Sudan's armed conflict: Implications for the agri-food system**. Washington, DC: International Food Policy Research Institute, 2023. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/10568/137896>>. Acesso em: 19 maio. 2025.
- ADF. **'Winner-Take-All'**. **Africa Defense Forum**, 5 abr. 2024. Disponível em: <<https://adf-magazine.com/2024/04/winner-take-all/>>. Acesso em: 18 jul. 2025
- AHMED, Kaamil; ALI, Faisal. Sudanese rebels appear to be posting self-incriminating videos of torture and arson on social media. **The Guardian**, 11 set. 2024.
- ALJAZEERA. **Russian mercenaries in Sudan: What is the Wagner Group's role?** | Explainer News | Al Jazeera. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2023/4/17/what-is-the-wagner-groups-role-in-sudan>>. Acesso em: 1 nov. 2025.
- ASSAL, Munzoul. **How the international community failed Sudan**. Disponível em: <<https://www.cmi.no/publications/8874-how-the-international-community-failed-sudan>>. Acesso em: 15 jun. 2025.
- ATTA-ASAMOAH, Andrews; MAHDI, Maram. **Stopping the spread of Sudan's bloodshed**. Disponível em: <<https://issafrica.org/iss-today/stopping-the-spread-of-sudans-bloodshed>>. Acesso em: 15 jun. 2025.
- AYINNETWORK. **RSF form new government in Nyala, while local residents struggle to survive – Ayin network – 2025** . شبكة عain. Disponível em: <<https://3ayin.com/en/nyala-13/>>. Acesso em: 29 ago. 2025
- BARFUSS, Reta. **How the European Union finances oppression**. Disponível em: <<https://migration-control.info/en/blog/how-the-european-union-finances-oppression>>. Acesso em: 28 jul. 2025.

BERRIDGE, Willow. **Comment: How Omar al-Bashir's 30-year legacy is playing out today**. Disponível em: <<http://www.ncl.ac.uk/press/articles/latest/2023/04/commentsudan/>>. Acesso em: 12 maio. 2025.

BBC. **Letter from Africa: Why people keep cash under the mattress in Sudan**. 10 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-africa-46761942>>. Acesso em: 11 maio. 2025

BIANCO, Cinzia; BROWN, Will. **Sudan: A war Europe cannot stop, but cannot ignore** | ECFR. Disponível em: <<https://ecfr.eu/article/sudan-a-war-europe-cannot-stop-but-cannot-ignore/>>. Acesso em: 1 nov. 2025.

CRAZE, Joshua; MAKAWI, Raqa. **The Republic of Kadamol: A Portrait of the Rapid Support Forces at War** | Small Arms Survey. Disponível em: <<https://www.smallarmssurvey.org/resource/republic-kadamol-portrait-rapid-support-forces-war>>. Acesso em: 11 maio. 2025.

CZEREP, Jędrzej. **Course of the War in Sudan Changes Suddenly**. Disponível em: <<https://pism.pl/publications/course-of-the-war-in-sudan-changes-suddenly>>. Acesso em: 29 ago. 2025.

DABANGA. **Background: Who are the Rapid Support Forces in Sudan?** Dabanga Radio TV Online, 9 set. 2015. Disponível em: <<https://www.dabangasudan.org/en/all-news/article/background-who-are-the-rapid-support-forces-in-sudan>>. Acesso em: 16 maio. 2025

EHL, David. **How the Russian Wagner Group is entrenching itself in Africa – DW – 10/27/2024**. Disponível em: <<https://www.dw.com/en/russia-kremlin-wagner-group-influence-in-central-africa-n-republic-sudan-mali/a-70599853>>. Acesso em: 1 nov. 2025.

ELBAGIR, Nima *et al.* **Exclusive: Evidence emerges of Russia's Wagner arming militia leader battling Sudan's army**. Disponível em: <<https://www.cnn.com/2023/04/20/africa/wagner-sudan-russia-libya-intl>>. Acesso em: 1 nov. 2025.

ELMILEIK, Aya. **What prompted the protests in Sudan?** Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2018/12/26/what-prompted-the-protests-in-sudan>>. Acesso em: 18 maio. 2025.

ELZAROV. **Environment, Conflict and Peacebuilding: Addressing the Root Causes of Conflict in Darfur**. ACCORD, 2022. Disponível em: <<https://www.accord.org.za/conflict-trends/environment-conflict-and-peacebuilding-addressing-the-root-causes-of-conflict-in-darfur/>>. Acesso em: 6 set. 2025

GALLOPIN, Jean-Baptiste. **Bad company: How dark money threatens Sudan's transition**. Disponível em: <[https://ecfr.eu/publication/bad\\_company\\_how\\_dark\\_money\\_threatens\\_sudans\\_transition/](https://ecfr.eu/publication/bad_company_how_dark_money_threatens_sudans_transition/)>. Acesso em: 19 maio. 2025.

GATNASH, Ahmed. **Sudan turmoil: Why Hemeti is taking aim at “radical Islamists”**. Disponível em:  
<<https://www.middleeasteye.net/opinion/sudan-turmoil-why-hemeti-taking-aim-radical-islamists>>. Acesso em: 2 nov. 2025.

HASSAN, Mai; KODOUDA, Ahmed. **Sudan’s Uprising: The Fall of a Dictator**. *Journal of Democracy*, 2019. Disponível em:  
<<https://www.journalofdemocracy.org/articles/sudans-uprising-the-fall-of-a-dictator>>. Acesso em: 18 maio. 2025

IDRIS, Ashraf; JEFFERY, Jack. **Sudão: presidente e grupos políticos assinam acordo pró-democracia**. Disponível em:  
<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/12/05/sudao-presidente-e-grupos-politicos-assinam-acordo-pro-democracia.ghtml>>. Acesso em: 15 jun. 2025.

JAFFER, Manahil. **The Devastating Conflict in Darfur: A Legacy of Ethnic Cleansing and Marginalization**. *Modern Diplomacy*, 12 maio 2024. Disponível em:  
<<https://moderndiplomacy.eu/2024/05/12/the-devastating-conflict-in-darfur-a-legacy-of-ethnic-cleansing-and-marginalization/>>. Acesso em: 13 maio. 2025

JAMAL, Urooba. **How strategic is Wad Madani city, retaken by Sudanese army?** Disponível em:  
<<https://www.aljazeera.com/news/2025/1/12/could-the-sudanese-armys-capture-of-wad-madani-be-a-turning-point-of-war>>. Acesso em: 6 set. 2025.

JONES, Michael. **Has Sudan’s Conflict Reached a Turning Point?** Disponível em: <<https://www.rusi.org>>. Acesso em: 29 jul. 2025.

JONES, Michael. **Building on Sand? The Perils of Peacemaking in Sudan**. Disponível em: <<https://www.rusi.org>>. Acesso em: 28 jul. 2025.

KALDOR, Mary. **New & Old Wars: Organized Violence in a Global Era**. 3rd ed. edição ed. Cambridge England: Stanford University Press, 2012.

KALDOR, Mary. In Defence of New Wars. **Stability: International Journal of Security and Development**, v. 2, n. 1, p. 4, 7 mar. 2013.

KHALAFALLAH, Hamid. **Beyond the Battlefield: Sudan’s Virtual Propaganda Warzone**. The Tahrir Institute for Middle East Policy -, 14 jan. 2025. Disponível em:  
<<https://timep.org/2025/01/14/beyond-the-battlefield-sudans-virtual-propaganda-warzone/>>. Acesso em: 29 ago. 2025

LARSEN, Karen Philippa; WIVEL, Anders. **Foreign Policy Instrument, Actor, or Infrastructure? Conceptualizing the Wagner Group in Sudan**. *African Security*, v. 0, n. 0, p. 1–28, 2025.

LEDERER, Edith. **UN rejects plans by Sudan’s paramilitary group for a rival government** | AP News. Disponível em:

<<https://apnews.com/article/un-sudan-civil-war-paramilitary-group-ac55ba00059b4d859c6c10f7c6e1cabe>>. Acesso em: 29 ago. 2025.

**MAALLA, Tahany. Beyond the Battlefield: The Survival Politics of the RSF Militia in Sudan. African Arguments**, 14 out. 2024. Disponível em: <<https://africanarguments.org/2024/10/beyond-the-battlefield-the-survival-politics-of-the-rsf-militia-in-sudan/>>. Acesso em: 10 maio. 2025

**MATFESS, Hilary. The Rapid Support Forces and the Escalation of Violence in Sudan. ACLED**, 3 jul. 2019. Disponível em: <<https://acleddata.com/2019/07/02/the-rapid-support-forces-and-the-escalation-of-violence-in-sudan/>>. Acesso em: 16 maio. 2025

**MONITOR, Sudan War. Sudanese military captures presidential palace.** Disponível em: <<https://sudanwarmonitor.com/p/sudanese-military-captures-presidential>>. Acesso em: 29 ago. 2025.

**MWAKIDEU, Chrispin. South Sudan's post-independence journey marked by challenges – DW – 07/09/2023.** Disponível em: <<https://www.dw.com/en/south-sudans-12-years-of-independence-triumphs-and-challenges/a-66151967>>. Acesso em: 6 set. 2025.

**NASHED, Mat. Sudan's RSF closes in on capturing all of Darfur | Conflict News | Al Jazeera.** Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2023/11/8/sudans-rsf-closes-in-on-capturing-all-of-darfur>>. Acesso em: 29 ago. 2025.

**NASHED, Mat. Why Sudan's RSF chose this parallel government ahead of peace talks | Sudan war News | Al Jazeera.** Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2025/7/28/why-sudans-rsf-chose-this-parallel-government-ahead-of-peace-talks>>. Acesso em: 29 ago. 2025a.

**NASHED, Mat. Sudan's competing authorities are beholden to militia leaders, say analysts.** Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/features/2025/7/23/sudans-competing-authorities-are-beholden-to-militia-leaders>>. Acesso em: 29 ago. 2025b.

**NZAU, Mumo. Politics and Conflict in the Republic of Sudan: A Brief Retrospective Commentary.** 2024.

**PRINCEWILL, Nimi. Sudan's army has captured the capital. Is it a turning point in the devastating conflict?** Disponível em: <<https://www.cnn.com/2025/03/27/africa/sudans-army-captures-khartoum-from-rs-f-intl>>. Acesso em: 29 ago. 2025a.

**PRINCEWILL, Nimi. Sudan rebels declare rival government on anniversary of brutal 2-year war with army.** Disponível em: <<https://www.cnn.com/2025/04/16/africa/sudan-rsf-declares-rival-government-intl>>. Acesso em: 29 ago. 2025b.

RAMZY, Samir. **Sudan's rebel force has declared a parallel government: what this means for the war.** Disponível em:

<<http://theconversation.com/sudans-rebel-force-has-declared-a-parallel-government-what-this-means-for-the-war-262363>>. Acesso em: 29 ago. 2025.

RAY, Michael. **Janjaweed | Sudan's Ethnic Cleansing Militia | Britannica.**

Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Janjaweed>>. Acesso em: 12 maio. 2025.

READ, Oliver. **The Online NewsHour: Crisis in Sudan | Janjaweed Militia | PBS.** Disponível em:

<[https://web.archive.org/web/20120710161452/http://www.pbs.org/newshour/depth\\_coverage/africa/darfur/militia.html](https://web.archive.org/web/20120710161452/http://www.pbs.org/newshour/depth_coverage/africa/darfur/militia.html)>. Acesso em: 14 maio. 2025.

ROGIER, Emeric. **The Sudan: A State of War:** No More Hills Ahead? [S.l.]:

Clingendael Institute, 2005. Disponível em:

<<https://www.jstor.org/stable/resrep05554.8>>. Acesso em: 12 jun. 2025.

SAAD, Mohamed. **Sudan's war isn't nearly over – armed civilian groups are rising.** Disponível em:

<<http://theconversation.com/sudans-war-isnt-nearly-over-armed-civilian-groups-are-rising-254100>>. Acesso em: 24 jun. 2025.

SALIH, Zeinab Mohammed. Sudan court sentences three men to hand amputation for stealing. **The Guardian**, 14 fev. 2023.

SALIH, Zeinab Mohammed; BURKE, Jason. Sudanese doctors say dozens of people raped during sit-in attack. **The Guardian**, 11 jun. 2019.

SERELS, Dr Steven. **States, Official Militaries, Paramilitaries, and non-state militias in the Northern Horn of Africa.** 2024. Disponível em:

<[https://riftvalley.net/wp-content/uploads/2024/04/The-Structure-of-Violence\\_FINAL.pdf](https://riftvalley.net/wp-content/uploads/2024/04/The-Structure-of-Violence_FINAL.pdf)>.

SOLIMAN, Ahmed; BALDO, Suliman. **Gold and the war in Sudan | 03 Gold production and trade during the war.** Disponível em:

<<https://www.chathamhouse.org/2025/03/gold-and-war-sudan/03-gold-production-and-trade-during-war>>. Acesso em: 6 set. 2025.

SUDANINTHENews. **Janjakezan: a profile of Islamists in the Rapid Support Forces (RSF).** Disponível em:

<<https://www.sudanintheneWS.com/janjakezan/rsf-islamists>>. Acesso em: 2 nov. 2025a

SUDANINTHENews. **How to save Sudan from the Janjaweed rebellion.**

Disponível em:

<<https://www.sudanintheneWS.com/how-to-save-sudan-from-the-janjaweed-rebellion>>. Acesso em: 29 ago. 2025b.

SUDANTRIBUNE. **Musa Hilal's group urges tribes to ditch RSF, claims force losing control.** **Sudan Tribune**, 2025. Disponível em:

<<https://sudantribune.com/article299384/>>. Acesso em: 29 ago. 2025

TRINKUNAS, Harold A.; CLUNAN, Anne. **Ungoverned Spaces: Alternatives to State Authority in an Era of Softened Sovereignty** unknown Edition by unknown. [S.I.]: Stanford Security Studies, 2010.

UDDIN, Rayhan. **Sudan's RSF massacres 433 people as it forms parallel 'peace government'** | Middle East Eye. Disponível em: <<https://www.middleeasteye.net/news/rsf-massacres-people-it-forms-parallel-peace-government>>. Acesso em: 29 ago. 2025.

UN NEWS. **Security Council rejects creation of rival government in Sudan** | UN News. Disponível em: <<https://news.un.org/en/story/2025/08/1165645>>. Acesso em: 6 set. 2025.

USHER, Barbara. **Khartoum, Sudan: The BBC goes inside burnt-out shell of capital**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/articles/cdxgrj5rqnwo>>. Acesso em: 29 ago. 2025.

WAAL, Alex De. **Sudan conflict: Hemedti – the warlord who built a paramilitary force more powerful than the state**, 2023a. Disponível em: <<http://theconversation.com/sudan-conflict-hemedti-the-warlord-who-built-a-paramilitary-force-more-powerful-than-the-state-203949>>. Acesso em: 6 set. 2025a.

WAAL, Alex de. **Don't Allow a Disastrous Collapse in Sudan**. Revista de Prensa, 15 dez. 2023b. Disponível em: <<https://www.almendron.com/tribuna/dont-allow-a-disastrous-collapse-in-sudan/>>. Acesso em: 6 set. 2025

WAAL, Alex de. **Sudan's Timur? Reflections on Hemedti and the Republic of Kadamol**. World Peace Foundation, 2023c. Disponível em: <<http://worldpeacefoundation.org/blog/sudans-timur-reflections-on-hemedti-and-the-republic-of-kadamol/>>. Acesso em: 29 ago. 2025

WAAL, Alex de. **Alex de Waal · The Revolution No One Wanted: War in Khartoum**. Disponível em: <<https://www.lrb.co.uk/the-paper/v45/n10/alex-de-waal/the-revolution-no-one-wanted>>. Acesso em: 28 jul. 2025b.

WANNI, Nada. **Sudan's hidden resistance: 'The day that can no longer wait'**. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/opinions/2022/10/25/sudans-hidden-resistance-coup-day-no-longer-wait>>. Acesso em: 6 set. 2025.

YLÖNEN, Aleksi. On Sources of Political Violence in Africa: The Case of "Marginalizing State" in Sudan. 2009.